

# Usos do Operador Argumentativo *Fora Isso* no Português Contemporâneo

## Use of the Argumentative Operator *Fora Isso* In Contemporary Portuguese

Monclar Lopes\*

Bárbara Andrea\*\*

Ana Luiza Costa Boechar\*\*\*

### RESUMO

Este artigo tem o objetivo de descrever dois diferentes contextos de uso da construção *fora isso* no português contemporâneo. Para esse fim, analisamos, sob viés qualitativo e descritivo-explicativo, 100 ocorrências de uso extraídas da base *Web Dialectos* do *Corpus* do Português à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (ROSÁRIO, 2022; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2010 etc.), em diálogo com os estudos da Semântica Argumentativa (DUCROT, 1973; DUCROT; VOGT, 1979; ANSCOMBRE; DUCROT, 1983). Os resultados do estudo revelam que *fora isso* é um operador argumentativo de exceção, cujo emprego é pragmaticamente realizado para introduzir argumentos ora convergentes (na mesma direção, a título de acréscimo), ora divergentes (em direção oposta, isto é, contrastivos). Além disso, a construção apresenta um movimento retroativo-propulsor sintaticamente mais marcado: na retroação, há o encapsulamento de uma porção precedente de texto, tomada como

Recebido em 2 de maio de 2023

Aceito em 17 de julho de 2023

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2024n66.1368>

\* monclarlopes@id.uff.br, Universidade Federal Fluminense

Orcid 0000-0002-6238-958X

\*\* babittencourt@id.uff.br, Universidade Federal Fluminense

Orcid 0000-0001-7783-5522

\*\*\* anabochar@id.uff.br, Universidade Federal Fluminense

Orcid 0009-0001-3092-9772

menos relevante dentro da escala argumentativa do texto; na propulsão, por sua vez, ocorre a focalização da informação subsequente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fora isso. Operador argumentativo. Linguística Funcional Centrada no Uso. Semântica Argumentativa.

#### **ABSTRACT**

The aim of this article is to describe two different contexts of use of the construction *fora isso* in contemporary Portuguese. To achieve this goal, we analysed 100 tokens from the Web Dialects database ([www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)) using a qualitative-quantitative and descriptive-explicative approach. We applied the theoretical and methodological assumptions of usage-based linguistics (ROSARIO, 2022; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013, BYBEE, 2010, et al.) in dialogue with the studies of argumentative semantics (DUCROT, 1973; DUCROT; VOGT, 1979; ANSCOMBRE; DUCROT, 1983). The results show that *fora isso* is an argumentative operator that carries a semantic value of exception, used pragmatically to introduce convergent arguments (in the same direction, with additive value) or divergent ones (in the opposite direction, with contrastive value). In addition, the construction exhibits backward and forward movement, which is syntactically more pronounced: in the backward movement, a preceding part of the text, which is considered less relevant within the argumentative text scale, is encapsulated; in the forward movement, on the other hand, the subsequent information is placed at the centre.

**KEYWORDS:** Fora isso. Argumentative Operator. Usage-based Linguistics. Argumentative Semantics.

## **Introdução**

No português contemporâneo, *fora isso* é um operador argumentativo (OA) de exceção, o qual pode ser empregado para a introdução de argumentos convergentes ou divergentes no discurso. Como ilustração, apresentamos duas ocorrências:

(01) Quando me convidaram, há cinco anos, para estruturar a rede da Honda no Brasil e na América Latina, aceitei quase sem pensar. Conhecia bem outros países? Os EUA e alguns europeus. Então, o desafio, para mim, era mais profissional que cultural. O choque maior foi para minha mulher, que não tinha passado pela experiência de morar em outro país

e temia muito a violência. Fomos alertados em relação a isso, mas, felizmente, nesses cinco anos, nunca tivemos problemas. **Fora isso**, fiquei muito impressionado com o avanço tecnológico do País, mas nada comparado à minha surpresa com o perfil do povo brasileiro<sup>1</sup>.

(02) “Olha, sinceramente eu não me importo muito que as pessoas não saibam o que é assexualidade”. E parabéns, pois além do Júlio, acho que você é um dos poucos aqui que teve essa coragem... porque convenhamos que não é fácil para ninguém... A única coisa que eu acho positiva na visibilidade é o fato de que outras pessoas sabendo o que é assexualidade, podem se descobrir também sendo assexual. **Fora isso**, não acho que há tanta necessidade de virarmos holofotes tanto para nós. Uma distinção necessária: acho muito importante que exista investigação e divulgação científica/acadêmica e que, ao menos profissionais de saúde que lidam com esse tipo de coisa (psicólogos, psiquiatras, neurologistas etc.) estejam bem-informados do assunto.

Em (01), o enunciador fala de sua experiência no Brasil. A despeito de ter sido alertado sobre o perigo de violência, sua estadia no país foi positiva. Como evidência desse fato, apresenta dois argumentos, sendo um de natureza mais objetiva; outro, mais subjetiva: 1) em cinco anos, sua mulher e ele nunca tiveram problemas no país; 2) ficou muito bem impressionado com o avanço tecnológico do Brasil e com o perfil de seu povo.

Como é possível notar, os dois argumentos são convergentes, uma vez que estão a serviço de um mesmo objetivo: tecer uma avaliação positiva do Brasil. Nesse sentido, o segundo argumento pode ser tomado como um acréscimo ao anterior, de modo que *fora isso*, ao introduzi-lo, assumo um valor análogo ao de outro OA utilizado para o mesmo fim, como, por exemplo, *além disso*. Inclusive, defendemos que, nessa ocorrência, *fora isso* e *além disso* podem ser concebidos como estruturas alternantes, dado que a substituição de uma forma pela outra garantiria a equivalência funcional,

---

1 Dado disponível em: [http://www.canalrh.com.br/revista/revista\\_artigo.asp?o=%7B953613E8-619F-4CC2-AF28-233F3DD8624B%7D](http://www.canalrh.com.br/revista/revista_artigo.asp?o=%7B953613E8-619F-4CC2-AF28-233F3DD8624B%7D) – Acesso em 25 abr. 2023.

isto é, apresentaria as mesmas condições de verdade: “(...) nesses cinco anos, nunca tivemos problemas. **Além disso**, fiquei muito impressionado com o avanço tecnológico do país (...)”.

Por sua vez, na ocorrência (02), embora se inclua também um novo argumento, isso se dá de modo distinto: as duas unidades discursivas<sup>2</sup> relacionadas por *fora isso* são divergentes, haja vista que caminham em direção contrária. Essa característica decorre de alguns aspectos contextuais, dentre os quais se pode destacar a inversão de polaridade entre os dois segmentos textuais – “*acho* positivo **fora isso** *não acho* que há tanta necessidade (...)”, fato linguístico que propicia uma interpretação contrastiva. Como sabemos, essa configuração já é consagrada na literatura para descrever a semântica de contraste. Inclusive, sob a ótica de Mauri e Ramat (2012, p. 01), podemos classificar a ocorrência (02) como um caso de “oposição simples, na qual o conflito é simétrico e gerado pela semântica (de algum modo) antonímica das duas cláusulas<sup>3</sup>”. Sendo assim, empregando-se o mesmo teste de substituição proposto na ocorrência (01), poderíamos substituir *fora isso*, em (02), por um conector contrastivo canônico, como *no entanto*: “A única coisa que eu acho positiva na visibilidade é o fato de que outras pessoas (...) podem se descobrir também sendo assexual. **No entanto**, não acho que há tanta necessidade de virarmos holofotes tanto para nós”.

Um outro aspecto que cabe considerar, nas duas ocorrências, é que *fora isso* atua como um mecanismo de focalização para a informação subsequente. Sob esse ponto de vista, a unidade discursiva que lhe sucede - ou D2 - é mais relevante dentro da escala argumentativa do que a que antecede - D1-, tendo, por conseguinte, mais peso para a defesa do ponto de vista. Sendo assim, o enunciador da ocorrência (01) valoriza mais o avanço tecnológico

---

2 Empregamos a expressão *unidade discursiva* para fazer referência aos segmentos textuais articulados por *fora isso*, que podem ser de extensões distintas: orações, períodos ou parágrafos.

3 Na ocorrência (02), pode-se substituir a ideia de cláusula por unidade discursiva, dado que os segmentos articulados pertencem a períodos distintos.

e o perfil do povo brasileiro (D2), para expressar sua visão sobre o país, do que o fato de a esposa e ele nunca terem sofrido algum tipo de violência (D1); o enunciador da ocorrência (02), igualmente, parece salientar os efeitos negativos de se declarar assexual (D2), aspectos ainda mais ressaltados pela presença da intensidade em “tanta” e “tanto”, em comparação ao único efeito positivo que apresenta: ajudar outras pessoas a se reconhecerem como sendo assexuais (D1). Conforme veremos mais detalhadamente na seção de resultados, o valor semântico de exceção atribuído a *fora isso* ajuda substancialmente nesse processo de focalização: o operador argumentativo encapsula e, cognitivamente, separa porção precedente do texto, o que ajuda a tornar mais proeminente, na escala argumentativa, a informação subsequente.

Neste artigo, apresentamos alguns dos resultados de pesquisa sobre o operador argumentativo *fora isso*. Para esse fim, empregamos duas abordagens teóricas. Em primeiro plano, adotamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso - ou LFCU - (ROSÁRIO, 2022; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2010 etc.), uma perspectiva que visa à descrição da gramática das línguas naturais a partir de dados empíricos do uso linguístico. A LFCU nos oferece ferramentas para chegar a generalizações, uma vez que promove uma abordagem holística para a descrição gramatical com base em critérios tanto formais (fonológicos e morfossintáticos) quanto funcionais (semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos). Em segundo plano, recorreremos aos estudos da Semântica Argumentativa (DUCROT, 1973; DUCROT; VOGT, 1979; ANSCOMBRE; DUCROT, 1983), que nos fornece parâmetros tanto para a classificação de *fora isso* como OA quanto para o entendimento de suas propriedades retóricas, que visam à construção de determinados pontos de vista. Além dessas duas abordagens, também consideramos o estudo de Mauri e Ramat (2012) sobre o contraste, na medida em que ele descreve propriedades que nos auxiliam a distinguir os usos convergentes (com valor de acréscimo) dos divergentes (com valor de contraste) de *fora isso*.

No intuito de promover uma apresentação didática, este texto está dividido em quatro partes. Além desta introdução, há as seguintes seções: 1. Operadores argumentativos e as noções de convergência e divergência; 2. Linguística Funcional Centrada no Uso; 3. Metodologia; 4. Resultados. Por fim, apresentamos as conclusões, seguidas das referências.

## 1. Operadores argumentativos e as noções de convergência e divergência

Os operadores argumentativos (OAs) são uma categoria de análise da Semântica Argumentativa, abordagem criada por Ducrot (1973), com contribuições de Vogt (DUCROT; VOGT, 1979) e Anscombre (cf. ANSCOMBRE; DUCROT, 1983). Para essa perspectiva, a gramática das línguas dispõe de recursos variados que servem como pistas para a identificação do valor retórico (ou argumentativo) dos enunciados. Diferentemente da tradição gramatical, que costuma relegar essa função aos conectivos – preposições e, sobretudo, conjunções –, os OAs representam uma classe mais ampla, tanto em relação aos aspectos formais quanto aos funcionais.

Para a introdução de uma conclusão relativa a argumentos apresentados em unidades discursivas anteriores, por exemplo, podemos recorrer a OAs de diferentes naturezas, a saber: a um conector conclusivo canônico – e.g.: *portanto* –, a uma expressão adverbial – e.g.: *com base nos argumentos expostos* – ou, até mesmo, a uma oração – e.g.: *para concluir*. Ademais, além do papel desempenhado na articulação de unidades discursivas (orações, períodos e parágrafos), os OAs exercem algumas outras funções. Eles podem, por exemplo, atuar sobre um termo oracional específico, como no segmento “eu *até* quero ser prefeito”, em que o OA *até* condiciona a progressão argumentativa do texto, na medida em que exige que sua continuidade se dê por meio de uma unidade discursiva de contraste – e.g.: “eu *até* quero ser prefeito, **mas** não vou me filiar a esse partido de jeito nenhum”. Em síntese,

os OAs se caracterizam como elementos que incidem sobre a configuração dos *topoi*, determinando ou restringindo a progressão argumentativa do texto.

Um outro exemplo que pode ser utilizado como ilustração é o emprego do OA *apenas* (usualmente classificado nas gramáticas como *palavra denotativa*) na sequência de exemplos a seguir. Como é possível observar, a inclusão de *apenas* mantém a coerência do enunciado em (iii), mas não em (iv). Essa característica decorre do fato de que *apenas* evoca um *topos* em D1 – um lugar comum argumentativo –, que torna o conteúdo expresso em D2 – *apresse-se* – incoerente.

(i) São oito horas, não precisa se apressar.

(ii) São oito horas, apresse-se!

(iii) São *apenas* oito horas, não precisa se apressar.

(iv) \* São *apenas* oito horas, apresse-se!

(CAREL, 2021, p. 17-18)

Para Ducrot (1989, p. 18), a Semântica Argumentativa trabalha com a hipótese central de que “a significação de certas frases contém instruções que determinam a intenção argumentativa a ser atribuída a seus enunciados: a frase indica como se pode, e como não se pode argumentar a partir de seus enunciados”<sup>4</sup>. Sob esse ponto de vista, os OAs podem ser representados por diversas categorias gramaticais e exercer diferentes funções na sintaxe. Em síntese, o que os define é a característica de uma estrutura *x*, ao ser aplicada “numa frase *p*, resulte numa frase *px*, que faça com que os enunciados de *p* e de *px* tenham valores argumentativos distintos” (AZEVEDO, 2021, p. 255), tal como observamos por meio da inclusão de *apenas*, em (iii) e em (iv).

---

4 No original: “Le sens de certaines phrases contient des instructions qui déterminent l’intention argumentative à attribuer à leurs énoncés: la phrase indique comment on peut, et comment on ne peut pas argumenter à partir de ses énoncés.»

Na teoria, há uma relação direta entre os OAs e a noção de *topos* – plural *topoi*. Segundo Anscombe e Ducrot (1983), os *topoi* representam as crenças e/ou conhecimentos compartilhados sobre o mundo. Sob essa ótica, os OAs atuam na mobilização das relações entre esses conhecimentos. Voltando ao exemplo (iv), podemos afirmar que ele é incoerente porque, no enunciado “são apenas oito horas”, o OA *apenas* força uma escala argumentativa, cujo conteúdo pressuposto é “ter mais tempo para fazer algo”, e não o contrário (cf. CAREL, 2021).

Por ser uma abordagem ancorada na teoria da argumentação e por levar em consideração a relação estabelecida entre as diferentes estruturas no discurso para uma determinada conclusão *r*, a Semântica Argumentativa se mostra bastante eficaz para a descrição de nosso objeto de pesquisa. Como dissemos na introdução deste artigo, o OA *fora isso* introduz argumentos convergentes e divergentes. A noção de divergência, por exemplo, está relacionada não às propriedades semânticas do OA em si mesmo (cujo valor básico é de exceção), mas, sim, às configurações contextuais observáveis nas ocorrências.

Como ilustração, podemos retomar a ocorrência (02): “**A única coisa que eu acho positiva** na visibilidade é o fato de que outras pessoas (...) podem se descobrir também sendo assexual. **Fora isso**, não acho que há tanta necessidade de virarmos os holofotes tanto para nós”. Além da lógica contrastiva imposta pela troca de polaridade, já apresentada anteriormente – *acho/fora isso/não acho* –, o emprego do adjetivo “única”, em D1, já promove a restrição do *topos*: se há uma única característica positiva, as demais características a serem apresentadas devem ser negativas. Ou seja, seu emprego, nesse contexto, já favorece que se progrida o texto por meio de uma relação de contraste.

Conforme é possível inferir, a partir dos argumentos apresentados até agora, a relação de convergência (acréscimo, soma de argumentos para um mesmo fim) e de divergência (contraste) depende de fatores contextuais. Postulamos, neste estudo, que *fora isso*, em seu emprego mais básico, favorece a introdução de argumentos convergentes. Defendemos esse ponto de vista

porque a noção contrastiva depende sempre da existência de alguns fatores contextuais que “motivem” sua interpretação. Sob essa perspectiva, quando esses fatores inexisterem, o sentido pragmático de *fora isso* será o de soma de argumentos convergentes.<sup>5</sup>

Sobre esse aspecto, cabe frisar que, na literatura linguística, há vários autores que propõem uma descrição dos contextos linguísticos que propiciam a emergência das relações contrastivas. Neste artigo, adotamos a visão de Mauri e Ramat (2012), para quem há três tipos básicos de oposição: (i) oposição simples, na qual há um conflito simétrico e gerado pela semântica de algum modo antonímica entre cláusulas relacionadas; (ii) correção, em que o conflito é gerado pela negação explícita do que foi dito na primeira cláusula; (iii) contraexpectativa, em que o conflito é determinado pela negação de uma expectativa, gerada pelo conteúdo da primeira cláusula ou pelo contexto. A única ressalva que tecemos sobre a abordagem de Mauri e Ramat (2012) é em relação ao termo cláusula, pois entendemos que nosso objeto também possibilita a articulação de segmentos maiores de texto, como períodos e parágrafos.

Apresentadas essas características gerais sobre as noções de OA, *topos/topoi* e *contraste*, passemos à seção em que explicamos, em linhas gerais, a Linguística Funcional Centrada no Uso, cujos pressupostos teórico-metodológicos são empregados para a análise e a descrição dos dados.

## 2. Linguística Funcional Centrada no Uso

As perspectivas funcionalistas se caracterizam pela defesa de que há uma simbiose entre discurso e gramática, que se influenciam mutuamente (cf. FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013). Nesse sentido, na descrição gramatical, deve-se considerar a atuação de duas forças: motivações internas, que têm

---

5 Tais aspectos serão mais detalhados na seção *resultados*.

como base o domínio linguístico, e motivações externas, que pertencem ao domínio dos requisitos funcionais do discurso (cf. DU BOIS, 1985).

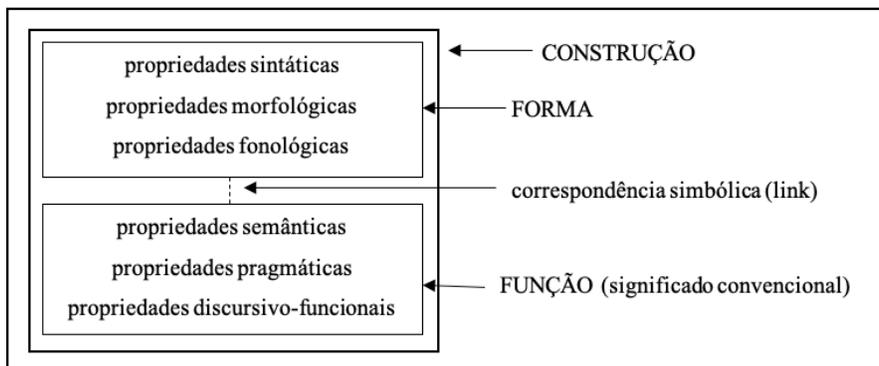
A Linguística Funcional Centrada no Uso (ou LFCU), dentro desse arcabouço, é apenas uma vertente. Em linhas gerais, representa uma atualização do Funcionalismo norte-americano da Costa Oeste (desenvolvido por pesquisadores como Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Closs Traugott, Bernd Heine, entre outros), que passou a incorporar conceitos da Linguística Cognitiva, em especial os modelos de gramática de construções baseada no uso (cf. GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; DIESSEL, 2019, entre outros). Diferencia-se das demais abordagens porque concebe a língua como uma rede de construções, sendo a construção definida como um pareamento simbólico de forma e função [[FORMA]  $\leftrightarrow$ [FUNÇÃO]]. Além disso, a LFCU busca descrever a gramática das línguas naturais em termos de gradiência e gradualidade, atentando-se para o aspecto regular da mudança, motivada por processos cognitivos gerais.

Grosso modo, as pesquisas desenvolvidas sob a ótica da LFCU, sobretudo as de viés sincrônico – como é o caso desta pesquisa –, buscam chegar a generalizações dos usos, depreendendo, a partir de uma análise abrangente de ocorrências, as propriedades da forma e da função de uma dada construção linguística<sup>6</sup>. Uma outra característica importante nessa perspectiva é que ela rompe com a visão atomista, muito comum na descrição gramatical, em que o foco costuma recair sobre a palavra como unidade de análise. Sob esse ponto de vista, as construções linguísticas podem apresentar diferenças quanto ao tamanho, à especificidade fonológica e à conceptualização. Esses dois aspectos abordados neste parágrafo estão representados na figura 01 e no quadro 01, a seguir:

---

6 Gostaríamos de ressaltar que, embora a pesquisa empreendida vise chegar a generalizações das propriedades da forma e da função, neste artigo, apresentamos apenas parte desses aspectos, em decorrência da extensão prevista para este gênero de texto.

**Figura 1.** A estrutura simbólica da construção.



Fonte: Croft (2001, p.18)

**Quadro 1.** Dimensões das construções

Tamanho	Atômica <i>café, -s (pl)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i>
Especificidade fonológica	Substantiva <i>café, -eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>Adj-mente</i>
Conceptualização	Conteudista <i>café, SV</i>	Procedural <i>-s (pl), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>

Fonte: Rosário e Oliveira (2016, p. 240)

Sobre a figura 01, é possível observar que a forma se divide em propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; a função, em propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Ademais, o polo da forma e o da função estão interligados por um elo de correspondência simbólica, o que nos remete, em certa medida, para a concepção de arbitrariedade do signo, proposta por Saussure (1916).

Para a LFCU, iconicidade – isto é, motivação entre função e forma – e arbitrariedade coexistem. As construções linguísticas podem ser mais

ou menos composicionais, o que significa dizer que a relação entre forma e função pode ser mais ou menos transparente. Em se tratando de construções complexas – isto é, compostas por mais de um elemento –, podemos declarar que os usos mais lexicais – de conceptualização conteudista – são mais transparentes, ao passo que os usos mais gramaticais – de conceptualização procedural – são mais opacos. No que tange ao OA *fora isso*, por exemplo, podemos entendê-lo como uma construção complexa procedural, cuja função não corresponde diretamente ao significado de suas subpartes: *fora* apresenta, em seu uso mais concreto, o sentido de lugar externo; no uso mais abstrato, o de *exceção*; já *isso* é um pronome bastante dessemantizado, que recupera nomes inanimados ou predicções no discurso prévio. Como é possível inferir, nenhum desses sentidos contribui diretamente para o valor pragmático de acréscimo ou de contraste que atribuímos aos usos de *fora isso*.

A opacidade semântica das construções, como a observada em *fora isso*, é comumente associada à atuação dos processos cognitivos gerais. Dois deles, que se mostram pertinentes para a descrição de *fora isso*, são a (inter) subjetivação e a automatização.

Segundo Traugott e Dasher (2002), muitos processos de mudança semasiológica são motivados pela inferência sugerida (IS), que está na base dos processos de (inter)subjetivação e costuma acarretar a recategorização dos usos linguísticos. Mais especificamente, a IS é um mecanismo que favorece a polifuncionalidade e/ou a polissemia, na medida em que permite atribuir a uma forma previamente existente uma nova função. Esse mecanismo é regulado pela cognição social ou Teoria da Mente (ToM) (TANTUCCI, 2021), por meio da qual os ouvintes tendem a levantar hipóteses sobre as intenções dos falantes durante o processo interacional (e vice-versa), baseando-se em fatores tanto intra quanto extralinguísticos. Em termos cognitivos, podemos dizer que a IS, que representa um tipo inicial da neoanálise<sup>7</sup>, atua quando há

---

7 A neoanálise é definida como o mecanismo responsável pelos micropassos de mudança. Ela envolve alterações tanto funcionais quanto formais e sua replicação, em uma

um *mismatch* (ou sanção parcial) entre uma forma *x* e seu significado original (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse contexto, o ouvinte infere o possível sentido atribuído a *x* por parte do falante. A replicação desse tipo de uso e, por sua vez, de inferência, em uma comunidade de falantes, pode implicar mudança linguística.

A automatização, por sua vez, é um processo cognitivo relativo ao domínio da memória. De acordo com a literatura (cf. BYBEE, 2010; DIESSEL, 2019), a automatização é consequência da elevada frequência de uso. Sobre esse aspecto, Autores (2023) declaram que

(...) o uso recorrente de uma mesma sequência de elementos pode acarretar a reconfiguração de suas relações, por meio de: a) formação de *chunk*, quando os elementos da sequência compõem um forte agrupamento de forma e significado, uma espécie de amálgama, com possibilidade de perda de material fonético; b) maior acessibilidade, na medida em que as construções mais frequentes reforçam e facilitam seu acesso na memória; c) atribuição de novo(s) significado(s), já que a frequência de uso favorece processos de diminuição da composicionalidade semântica e acréscimo de novos significados por pressão contextual.

A atuação dos processos cognitivos serve como evidência para a emergência de novos usos nos estudos diacrônicos, na medida em que conseguimos flagrar nos dados históricos, com bastante regularidade, o curso desses processos. Embora a pesquisa aqui empreendida seja de viés sincrônico, entendemos, com base nas diversas generalizações já propostas pela LFCU, que esta é a direcionalidade da mudança da construção complexa procedural: os usos mais lexicais, de semântica mais composicional e com subpartes mais autônomas, são a origem dos usos mais procedurais, de semântica menos composicional e com subpartes mais vinculadas entre si.

Consideramos que essas características servem como argumentos, de um lado, para entendermos por que a função do OA *fora isso* não está

---

comunidade de falantes, pode resultar em mudança linguística, isto é, em uma nova categoria da língua.

exclusivamente relacionada às propriedades semânticas de *fora + isso*; de outro, para postularmos que ele constitui um *chunk*, um amálgama de dois elementos altamente vinculados, armazenados na memória como uma unidade.

### 3. Metodologia

Para esta pesquisa, levantamos 100 ocorrências da sequência de palavras *fora + isso* na base de dados *Web Dialetos* no *Corpus* do Português. Trata-se de um *corpus* atual, de 2016, com cerca de 1 bilhão de palavras e constituído de páginas de internet de quatro países de língua portuguesa.

Vale frisar que, para atestar a produtividade da construção, comparamo-la a outros *types* pertencentes ao subesquema de operação argumentativa *fora X*, em que X representa um *slot* preenchido por um sintagma nominal. Em decorrência da extensão do *corpus*, que apresenta cerca de 5.000 possibilidades de combinação para a sequência *fora + X*, escolhemos, para além de *fora isso*, os cinco *types* mais frequentes: *fora o fato*, *fora isto*, *fora ele*, *fora ela*, *fora o resto*. Cabe frisar que o objetivo nesse levantamento não foi o de realizar uma análise dos demais padrões, mas tão-somente o de observar se *fora isso* pode ser considerado um exemplar do paradigma a que pertence.

Para a análise, empregamos o método quali-quantitativo ou misto, que se caracteriza pelo “equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa” (LACERDA, 2016, p. 85). Abaixo, seguem os fatores de análise empregados. O aspecto qualitativo foi interpretado com base em um viés descritivo-explicativo e está expresso nos fatores (a) e (b); o aspecto quantitativo, no fator (c). Ei-los:

- a) identificação da função admitida por *fora + isso* nas ocorrências, separando os usos em que atua como OA dos demais;

b) descrição das propriedades semânticas de *fora isso* na função de OA, bem como dos aspectos pragmáticos que motivam as duas funções: introdução de argumentos convergentes ou divergentes;

c) frequência de uso do OA *fora isso* em relação à frequência dos seguintes *types* do subesquema *fora X*: *fora o fato*, *fora isto*, *fora ele*, *fora ela*, *fora o resto*.

## 4. Resultados

Para uma apresentação mais didática dos resultados, dividimos esta seção em três subseções, a saber: 4.1 produtividade do OA *fora isso* em relação a outros *types* do subesquema *fora X*; 4.2 propriedades funcionais do OA *fora isso* em relação a outros OAs de acréscimo ou contraste; 4.3 produtividade e contextos dos usos convergentes e divergentes do OA.

### 4.1 Produtividade do OA *fora isso* em relação a outros *types* do subesquema *fora X*

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), as construções linguísticas organizam-se hierarquicamente por meio de relações taxonômicas que preveem diferentes níveis de abstração. No nível mais baixo, encontra-se a microconstrução, cujas subpartes são especificadas – como é o caso de *fora isso*; no nível intermediário, o subesquema, que pode ser formado por subpartes tanto especificadas quanto abstratas; no nível mais alto, o esquema, que pode ser constituído por estruturas totalmente abstratas. Ademais, é consensual, na literatura, que os níveis mais baixos e os mais altos compartilham propriedades tanto da forma quanto da função.

À nossa pesquisa, além do nível da microconstrução, interessa-nos o do subesquema. Postulamos, nesse sentido, que *fora isso* seja uma instanciação do subesquema de operação argumentativa *fora X*. Trata-se de um padrão altamente produtivo do português, utilizado para o mesmo fim que *fora isso*.

É o que podemos observar, por exemplo, em (•<sup>3</sup>) e (•<sup>4</sup>), em que *fora o fato* e *fora o resto* introduzem novos argumentos convergentes no discurso:

(03) Bah, gente... fiquei e ainda tô MUITO FELIZ. Foi como um tapa naquela desmotivação toda que eu andava tendo. Digamos que isso não melhora o desvio que há na minha área de atuação, mas me dá esperança de outras possibilidades na carreira. **Fora o fato** de que nossas escolhas só se refletem em boas ou ruins à medida que rendem bons frutos, ou não.<sup>8</sup>

(04) As minhas fotos de infância têm sempre algum cachorro ou gato por lá. Tenho pena de não ter é mais espaço e dinheiro para ter mais animais. Mas relembro-me de todos os amiguinhos que tive, até dos Hámsteres que nem referenciei porque fazia criação e eram imensas as ninhadas. **Fora o resto**, animais de quinta, tipo burros e cavalos, patos...<sup>9</sup>

Comparar a frequência de *fora isso* em relação a outros *types* nos permite avaliar seu grau de entrincheiramento<sup>10</sup> na memória dos falantes. Sobre esse tópico, Diessel (2019, p. 63) nos lembra que “a língua é um meio linear em que todos os elementos linguísticos – sons da fala, morfemas, palavras, sintagmas, cláusulas e sentenças – estão organizados em ordem sequencial”<sup>11</sup>. Nesse sentido, embora o falante tenha relativa liberdade na escolha e na combinação

---

8 Disponível em: <http://1kgdeblog.wordpress.com/2011/06/18/sobre-tudo-de-bom-que-acontece-quando-a-gente-menos-espera/> - Acesso em 29 abr. 2023.

9 Disponível em: <http://anossavida.pt/forum/homenagem-todos-animais> - Acesso em 29 abr. 2023.

10 Na literatura, dizemos que o entrincheiramento está associado à acessibilidade de uma construção na rede de construções. Quanto mais se emprega uma construção, mais entrincheirada ela se torna. Isso significa que ela está mais disponível na memória e, por isso, é mais frequentemente recrutada para o uso.

11 No original: “Language is a linear medium in which all linguistic elements – speech sounds, morphemes, words, phrases, clauses and sentences – are arranged in sequential order.”

de palavras para a construção de frases, muitas sequências linguísticas são, na verdade, fixas. Essa característica é o resultado da automatização, pois, “se uma mesma sequência de elementos linguísticos é processada repetidamente, a automatização cria links sequenciais entre eles” (*ibidem*)<sup>12</sup>. Em outras palavras, a automatização favorece a formação de *chunks*, isto é, de uma unidade formada por uma sequência automatizada que os falantes ativam e executam como um grupo integrado (cf. LANGACKER, 1987).

Cabe mencionar que o *Corpus* do Português, na busca pelos padrões *fora + sintagma nominal*, retornou 11.574 ocorrências, sendo 4.827 *types* compostos de uma única ocorrência. Como não seria possível analisar todos esses padrões, selecionamos aqueles que apresentam frequência *token* mais alta. Os resultados estão no quadro abaixo:

Quadro 2. *Types* mais frequentes do subesquema *fora X*

<i>Type</i>	Frequência <i>token</i>	Percentual
<i>fora isso</i>	4.069	80,26%
<i>fora o fato</i>	301	5,94%
<i>fora isto</i>	257	5,06%
<i>fora ele</i>	254	5,01%
<i>fora ela</i>	104	2,05%
<i>fora o resto</i>	85	1,68%
<b>Total</b>	<b>5.070</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração própria.

Como é possível notar, *fora isso* é o *type* mais frequente do subesquema *fora X* e representa mais de 80% dos dados. Inferimos que esses resultados estão atrelados ao fato de o pronome *isso* ser uma forma gramatical

12 No original: “If the same string of linguistic elements is repeatedly processed, automatization creates sequential links between them.”

dessemantizada, genérica e leve, que permite recuperar diferentes porções de texto, desde itens não animados até predicacões inteiras. Essas características tornam-no uma forma mais econômica e elegível para o processamento textual, já que quase não apresenta restrições semânticas (*isso* só não é produtivo para retomada de entes animados). Por conseguinte, uma vez que é muito mais frequente em relação aos demais *types*, certamente constitui uma unidade amalgamada, um *chunk*.

Cabe frisar, igualmente, um outro achado: a sequência de palavras *fora + isso* é sempre uma manifestação do OA em estudo. Dos 100 dados analisados, apenas 3 ocorrências (3%) foram descartadas, porque, nesses casos, estávamos diante do pretérito mais-que-perfeito do verbo *ser + isso*. Logo, não havia, efetivamente, os mesmos elementos. Segue uma ocorrência como ilustração:

(05) Tudo não importa e creio bem que houve quem visse a vida sem uma grande paciência para essa criança acordada e com grande desejo do sossego de quando ela, enfim, se tenha ido deitar. Foi sempre com desgosto que li no diário de Amiel as referências que lembram que ele publicou livros. A figura quebra-se ali. Se não **fora isso**, que grande! O diário de Amiel doeu-me sempre por minha causa<sup>13</sup>.

Esses resultados nos levam a aventar uma hipótese bastante plausível: *fora isso* é o exemplar do subesquema *fora X*. Além disso, embora só tenhamos analisado 100 ocorrências da sequência *fora + isso*, há uma grande probabilidade de que, das 4.069 ocorrências totais disponíveis no *corpus*, a grande maioria também seja uma instanciação da construção de

---

13 Disponível em: <http://ateus.net/artigos/miscelania/o-livro-do-desassossego/> - Acesso em 29 abr. 2023.

OA, de maneira análoga ao que identificamos na amostra selecionada (97% dos casos).

#### **4.2. Propriedades funcionais do OA *fora isso* em relação a outros OAs de acréscimo ou contraste**

Para a abordagem construcional da gramática, é bastante caro o princípio da não sinonímia, o qual prevê que, “se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas” (GOLDBERG, 1995, p. 67)<sup>14</sup>. Isso significa que, embora haja paradigmas na gramática, seus membros nunca são sinônimos. Nesse sentido, mesmo que duas construções sejam consideradas alternantes em certos contextos, elas apresentam distinções formais e/ou funcionais.

Conforme mostramos na introdução deste texto, *fora isso* pode introduzir tanto argumentos convergentes (com valor de acréscimo) quanto divergentes (com valor de contraste). Sabemos que essa não é uma especificidade de *fora isso*. A conjunção coordenativa aditiva *e*, por exemplo, é empregada em contextos semânticos variados, incluindo o contraste. Em decorrência do escopo dessa pesquisa, bem como do espaço de que dispomos para este artigo, não propomos, aqui, uma análise exaustiva. Sendo assim, trataremos, nesta subseção, das especificidades de *fora isso* em comparação a alguns dos aspectos de conectores convencionais de adição/acréscimo (*e*, *além disso*) e de contraste (*mas*, *no entanto*).

Primeiramente, gostaríamos de chamar a atenção para algumas das propriedades formais e funcionais específicas de *fora isso*: a subparte *fora* é uma preposição acidental, com sentido análogo a *exceto*; a subparte *isso* é um pronome demonstrativo, que atua como um encapsulamento<sup>15</sup>. Esses

---

14 No original: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct.

15 Por *encapsulamento*, entendemos o sintagma nominal que assume função retroativo-

traços funcionais próprios da construção impactam nos efeitos de sentido. Para explorar melhor essas características, segue uma ocorrência:

(06) Quando você não tiver mais forças para esperar, peça o divórcio e case-se no Senhor. Mas lembre-se: você tem que se casar com além de Deus, alguém que ama você e ama também o seu filho. Irmã, esse problema tem sido uma constante na vida dos casais. Se ele aceitasse, poderia fazer uns exames de saúde e, a partir dos resultados, tomar algumas providências, mas parece que ele não está muito com vontade de tratar do assunto. O diálogo é o caminho para vocês encontrarem uma solução para o problema. Procure entender o que está acontecendo com ele, se há um problema financeiro, no trabalho, na saúde, enfim, conversando vocês podem compreender o momento um do outro. **Fora isso**, querida, é orar a Deus e pedir ao Senhor uma ajuda. Se ele é crente, leia I Co 7 para ele, mostre a ele que há um perigo aí. Abcs Pr. Ismael.<sup>16</sup>

A ocorrência (06) é extraída de um *blog* religioso de aconselhamento para casais. O excerto é uma resposta a um pedido de ajuda, em que a esposa faz duas reclamações sobre seu cônjuge: ele frequenta a igreja evangélica, mas é fumante (promete parar, mas nunca para). Além disso, ele não a procura mais para ter relações sexuais. Como podemos observar na resposta, há dois conselhos: o primeiro é relacionado às ações concretas (propor que o marido faça um exame, conversar com o marido para juntos encontrarem uma solução para o problema); o último, relacionado à intervenção divina (orar a

---

propulsora: ele retoma pregações e faz o texto avançar. Ele pode ocorrer por meio de rótulos (nomes) ou de elementos gramaticais, como pronomes demonstrativos, por exemplo.

16 Disponível em: <http://aconselhamentoparacasal.wordpress.com/aconselhamento-2/> - Acesso em 29 abr. 2023.

Deus e Pedir ao Senhor uma ajuda). Os argumentos encadeados por *fora isso* são convergentes, isto é, assumem valor de acréscimo.

A despeito de ser perfeitamente possível substituir *fora isso* por algum outro OA de acréscimo de modo a manter as condições de verdade, há especificidades de sentido nessa construção. As propriedades semânticas de *fora*, relacionadas à noção de exceção, servem como uma estratégia cognitiva para SEPARAR, EXCETUAR o argumento anterior, antes de apresentar um argumento novo, de natureza mais FOCAL. Já abordamos um pouco dessa questão da focalização na introdução deste artigo, ao explorarmos as ocorrências (01) e (02). Em (06), por sua vez, a maior relevância do segundo argumento pode ser percebida com base na situação discursiva: é um blog religioso e a resposta é dada por um pastor. Logo, é de se esperar que os conselhos relativos à intervenção divina ganhem mais importância do que os antecedentes. Paralelamente, como também é possível perceber, o valor contrastivo é resultado da ação da inferência sugerida (IS). Sob essa ótica, não há um elemento específico a que se possa atribuir esse valor. Ele é o resultado da operação das inferências feitas pelo enunciatório, que busca interpretar as intenções do enunciador do texto<sup>17</sup>.

Um outro ponto a se mencionar é a função relativa ao pronome demonstrativo *isso*. Por ser uma forma encapsuladora, ela faz remissão a uma porção precedente do texto. Dado o contexto, podemos dizer que a remissão se refere ao trecho sublinhado na ocorrência.

Há, portanto, um movimento retroativo-propulsor em evidência. A despeito de todo conector, por sua natureza, promover a sequenciação entre segmentos do texto, nem todos eles fazem isso de forma tão evidente e sintaticamente marcada, como é o caso de *fora isso*, em que

---

17 Traugott e Dasher (2002) utilizam, na verdade, os termos falante/escritor e ouvinte/leitor. Tomamos a liberdade de empregar, no lugar, os termos *enunciador* e *enunciatório*, comuns na Semântica Argumentativa, para evitar o excesso de terminologias.

há uma proforma como subparte (*isso*), cuja função é exatamente a de encapsular uma ou mais predicções do cotexto prévio.

Por fim, ainda em se tratando da ocorrência (06), cabe mencionar sua possível alternância com o “e”, um OA de acréscimo prototípico. A substituição de *fora isso* por *e* não nos parece produtiva. Acreditamos que isso se deva, entre outros aspectos, ao fato de as relações promovidas por “e” serem mais simétricas e o tipo de argumento e de contexto linguístico propiciar uma estrutura de focalização, também sintaticamente mais marcada (isto é, mais pesada em termos de forma). Em se tratando de uma alternância dentro de um mesmo paradigma, *fora isso* seria mais adequadamente substituído por *além disso*: esta estrutura também permite a introdução de um argumento mais focal. Em contrapartida, a despeito da semelhança, *além disso* não promove a mesma noção de separação/exceção que defendemos haver em *fora isso*. Em síntese, não obstante as três construções citadas nesta seção estejam relacionadas à noção de acréscimo – *e*, *além disso* e *fora isso* –, elas se distinguem entre si e acarretam diferentes efeitos de sentido.

Passemos agora para a comparação entre *fora isso* e os OAs contrastivos *mas* e *no entanto*. De início, vejamos duas ocorrências:

(07) Voltando ao assunto, alguma preferência de filme? O único que pensei foi Jogo de Amor em Las Vegas. Já assistiu? Eu se acabei de rir. Rsrtrs. Beijos. Agora fiquei sem graça com todo esse crédito. Obrigado. Caramba, só sei escolher filme pra mim. **Fora isso** só escolho filme ruim. Acho que Jogo de Amor em Las Vegas é uma boa pedida<sup>18</sup>.

(08) Faça essas máscaras de felicidade virarem a cara de vocês, hoje eu sorri mais de 37 vezes pra não deixar uma lágrima cair, se for preciso sorria 2453452 vezes mais pra ver se a tristeza não vai embora de uma vez:) espero que vocês fiquem bem porque eu já é impossível, fico triste

---

18 Disponível em: <http://amelhordasintencoes.wordpress.com/2009/12/07/chuta-que-gruda>  
- Acesso em 29 abr. 2023.

por isso mais essa é a minha realidade e rezo para que não seja a de vocês... Desculpa por demorar tanto pra responder, pode conversar comigo, talvez isso amenize suas dores.... Nunca é tarde pra parar, não pense que você não consegue, todos podem, o fim só é a morte, **fora isso** tudo pode ser revertido<sup>19</sup>.

Na introdução deste trabalho, na análise da ocorrência (02), explicamos que seu valor contrastivo está associado ao que Mauri e Ramat (2012) chamam de oposição simples. Há, naquela ocorrência, um jogo entre inversão de polaridades (acho x não acho), o que propicia a semântica contrastiva. Inclusive, esse traço pode ser observado pelo teste formal de substituição. Afinal, vimos que, na ocorrência (02), a substituição de *fora isso* por *no entanto* era perfeitamente possível, uma vez que ambos os OAs expressam, naquele contexto, as mesmas condições de verdade.

Em (07), podemos dizer que o contraste é oriundo do *topos* evocado pela palavra denotativa *só*: afinal, quando o enunciador diz que **SÓ** SABE escolher filme para si mesmo, pressupomos que ele **NÃO** SABE escolher para as demais pessoas. É nessa relação construída no discurso entre o *saber* e o *não saber*, portanto, que se erige a noção de contraste. Da mesma maneira, em (08), o contraste pode ser percebido entre as noções de que a morte não pode ser revertida, mas o restante, sim.

A despeito desses traços contrastivos, a substituição de *fora isso* por *mas*, ou até mesmo, *no entanto*, não parece produtiva. Vejamos, por exemplo, as paráfrases propostas para as ocorrências (07) e (08):

(07\*) \* *Caramba, só sei escolher filme pra mim. **Mas/No entanto** só escolho filme ruim.*

(08\*) \* *o fim só é a morte, **mas/no entanto** tudo pode ser revertido.*

---

19 Disponível em: <http://aquelaluna.blogspot.com/2010/09/pessoas-que-se-cortam.html> - Acesso em 29 abr. 2023.

Como podemos notar, as versões propostas beiram a agramaticalidade, no sentido de que criam relações paradoxais entre D1 e D2. Em (07), isso pode ser verificado pela presença do OA *só* nas duas unidades discursivas: ao dizer que “só escolho filme ruim”, isso acarreta, por implicação lógica, que todas as escolhas seriam ruins, inclusive aquelas feitas para si mesmo. Nesse sentido, para manter a coerência entre as duas unidades discursivas, a noção de exceção promovida por *fora isso* parece essencial. Ela separa, excetua o primeiro *topos* evocado, permitindo acionar um novo. O mesmo raciocínio vale para a ocorrência (08), em que a noção de exceção é essencial para que não haja um paradoxo entre “tudo” e “morte”. Afinal, para que a afirmação seja válida, é necessário retirar, excetuar a morte do grupo que comporta todas as coisas (tudo).

Nos dados investigados, os casos em que a substituição de *fora isso* por um outro OA de acréscimo não é produtiva são recorrentes. Embora não representem a maioria – das 39 ocorrências classificadas como contrastivas, 6 não admitem a alternância (15% dos dados) –, entendemos que eles servem como evidência da diferença funcional entre essas estruturas.

### 4.3 Produtividade e contextos dos usos convergentes e divergentes do AO

Nesta última subseção, trataremos de dois aspectos: a produtividade dos usos convergentes e divergentes, bem como dos contextos linguísticos que favorecem a atribuição de cada um desses sentidos. A partir dos argumentos que apresentamos até o momento, assumimos que *fora isso* seja uma construção com valor semântico de exceção, empregada no discurso como operador argumentativo para introduzir argumentos convergentes e divergentes. Nesse sentido, a noção de exceção se mantém em todos os contextos de uso. Em termos construcionais, podemos declarar que a construção ainda mantém traços composicionais e que, embora *fora* já seja um elemento de função mais procedural (uma preposição acidental), há persistência dos traços semânticos

da classe de origem (cf. HOPPER, 1991), isto é, do advérbio de lugar. O quadro 3 apresenta a distribuição desses dois usos:

Quadro 3. Usos convergentes e divergentes de *fora isso*

Tipo de uso	Frequência Token	Percentual
Convergente (de acréscimo)	58	58%
Divergente (contrastivo)	39	39%
Dados descartados	03	03%
Total	100	100%

Fonte: elaboração própria.

Como dissemos na introdução, consideramos bastante plausível a ideia de que o acréscimo represente o uso mais básico – e, provavelmente, o contexto-fonte para o uso de *fora isso*. Embora não tenhamos desenvolvido, até o momento, uma pesquisa diacrônica, há dois fatores que nos levam a considerar essa ideia. O primeiro é que parte dos usos divergentes não pode ser substituído por outros OAs contrastivos, como acabamos de discutir na última subseção. Em contrapartida, os usos convergentes sempre permitem a substituição por algum OA de acréscimo, como, por exemplo, *além disso*:

(09) O Heathrow, em Londres, é o mais lento dos aeroportos internacionais analisados e o tempo médio chega a oito horas. Riley observou que é impossível calcular as perdas para a economia do Brasil, pois há diferenças de valor e tipo de cargas. Porém, ele ressaltou que o prejuízo é enorme e reflete no consumidor final, que paga o preço da armazenagem e de toda a lentidão dos aeroportos. **Fora isso**, há grandes problemas para a competitividade.<sup>20</sup>

20 Disponível em: <http://agenda2020.com.br/2013/04/aeroporto-salgado-filho-e-um-dos-mais-lentos-do-pais-na-liberacao-de-cargas/> - Acesso em: 29 abr. 2023.

(09') *Porém, ele ressaltou que o prejuízo é enorme e reflete no consumidor final, que paga o preço da armazenagem e de toda a lentidão dos aeroportos. Além disso, há grandes problemas de competitividade.*

(10) “Mas que merda tem de errado com esse cara?!” Gritei ao ler a mensagem perturbadora. Quero dizer, era um hack, mas ainda assim! Quem era a vítima? Por que seus olhos foram arrancados, e o que poderia ter tornado essas impressões digitais encontradas em seu corpo como não identificáveis? **Fora isso**, que Maria havia feito?<sup>21</sup>

(10') *Por que seus olhos foram arrancados, e o que poderia ter tornado essas impressões digitais encontradas em seu corpo como não identificáveis. Além disso, que Maria havia feito?*

Mais uma vez, reforçamos que a alternância entre *fora isso* e *além disso*, na introdução de argumentos convergentes, garante equivalência funcional e, conseqüentemente, as mesmas condições de verdade. No entanto, isso não quer dizer que as duas formas sejam tidas como sinônimas. Como vimos, o sentido de exceção, contextualmente, colabora para efeitos de sentido específicos.

Paralelamente, também é possível observar que, enquanto a substituição dos usos convergentes (com valor de acréscimo) soam incoerentes quando *fora isso* é substituído por um OA contrastivo, o mesmo fenômeno não ocorre quando o substituímos, nos contextos contrastivos, por um OA de acréscimo. Sobre esse aspecto, vejamos duas ocorrências e duas versões, com substituição do OA por um outro de valor semântico oposto:

(11) Eu fui dar uma palestra recente em Curitiba e todo mundo reclamando que não encontra funcionário capacitado no mercado e que não acha para contratar. E me perguntaram como fazemos isso já que estamos sempre abrindo novas lojas em expansão. E a resposta é: nós formamos. Nós investimos pesado na formação deles, e é o que nos

---

21 Disponível em: <http://ahduvido.com.br/50-historias-do-lado-negro-dos-icone-pop-parte-2> - Acesso em 29 abr. 2023.

tem dado tranquilidade, pois às vezes o funcionário recebe propostas até maiores do que pagamos, mas ele prefere permanecer. **Fora isso**, há também projetos socioambientais como o incentivo a plantar árvores e cinema<sup>22</sup>

(11') *Nós investimos pesado na formação deles, e é o que nos tem dado tranquilidade, pois às vezes o funcionário recebe propostas até maiores do que pagamos, mas ele prefere permanecer. \* **No entanto**, há também projetos socioambientais como o incentivo a plantar árvores e cinemas.*

(12) Mas o que mais me revolta é que nas quatro temporadas já lançadas, não existe praticamente nenhum extra. A única que tem um “atrativo” é a segunda, que apresenta as cenas deletadas. **Fora isso**, não tem mais nada.<sup>23</sup>

(12') *A única que tem um “atrativo” é a segunda, que apresenta as cenas deletadas. **Além disso**, não tem mais nada.*

Como podemos notar, em (11), *fora isso* é empregado para introduzir um argumento convergente, uma vez que o enunciador enumera qualidades da empresa em que trabalha: em D1, chama a atenção para o investimento relativo à formação profissional dos funcionários; em D2, para o estímulo a que participem de projetos socioambientais e culturais. Nesse sentido, *fora isso* assume um valor de acréscimo, podendo ser substituído, mantendo-se as condições de verdade, por *além disso*. Esse valor pragmático de convergência torna incoerente a substituição do OA por um outro de natureza contrastiva, como observamos em (11'). A noção de contraste, nesse sentido, é bloqueada não somente pelo pertencimento dos dois argumentos a um mesmo *topos*, como também, linguisticamente, pela presença do *também*, que reforça o sentido de acréscimo em D2.

---

22 Disponível em: <http://blog.crb6.org.br/artigos-materias-e-entrevistas/empresario-brasileiro-paga-14o-salario-a-colaboradores-que-lerem-um-livro-por-mes/> - Acesso 30 abr. 2023.

23 Disponível em: <http://bjc.uol.com.br/2009/04/26/enquete-do-bjc-o-que-e-pior-em-um-dvd/> - Acesso em 29 abr. 2023.

Em contrapartida, em (12), temos um contraste, advindo, mais uma vez, do jogo instaurado entre a inversão de polaridade entre D1 e D2 (*tem/fora isso/não tem*). Apesar disso, a substituição de *fora isso* por um OA de acréscimo não resulta em agramaticalidade. Podemos postular, inclusive, que, como *fora isso* sempre implica a introdução de um novo argumento, a noção de acréscimo já lhe é básica. Desse modo, pode haver um acréscimo no mesmo sentido (convergente) ou em sentido contrário (divergente).

Assumindo, portanto, a hipótese de que os usos de *fora isso* sejam originalmente convergentes (ao qual atribuímos mais frequentemente a noção de acréscimo), buscamos, agora, descrever os contextos que motivam sua leitura divergente (ou contrastiva). Encontramos esses contextos em dois tipos de contraste descritos por Mauri e Ramat (2012) e também na justaposição de *fora isso* a um OA mais básico, como o *mas*. Para fechar esta subseção, apreciemos alguns dados que ilustrem cada uma dessas categorias:

a) Contraste motivado por oposição simples, no qual há um conflito simétrico e gerado pela semântica de algum modo antonímica entre unidades discursivas relacionadas:

(13) A Dra. Karina Zulli explica que as únicas limitações que a mamãe deve ter após o parto são as que ela possuía antes de engravidar. **Fora isso**, está tudo liberado.<sup>24</sup>

(14) Não entendi o paralelo com a conta do petróleo. A Petrobras só vai reaver o prejuízo no caso de o petróleo baixar de preço. **Fora isso**, não haverá compensação.<sup>25</sup>

Esse é o tipo de contraste mais produtivo nos dados investigados. Das 39 ocorrências a que atribuímos esse valor, 29 (75%) se dão por uma relação antonímica existente entre D1 e D2. Essa relação antonímica pode

24 Disponível em: <http://bebe.bolsademulher.com/gravida/materia/cuidados-pos-parto-sao-mais-simples-do-que-parecem> - Acesso em 29 abr. 2023.

25 Disponível em: <http://bdadolfo.blogspot.com/2013/08/governo-consulta-banco-central-sobre.html> - Acesso em 29 abr. 2023.

estar associada à inversão de polaridade entre as duas unidades discursivas – conforme observamos em (14) – *vai reaver x não haverá* – e também tínhamos observado em (02) e (12); ou, ainda, à presença de termos de valor antonímico entre D1 e D2 – como podemos notar em (13) – *limitações x liberado* –, e também vimos em outras ocorrências, como em (07) e em (08).

b) Contraste gerado pela contraexpectativa, em que o conflito é determinado pela negação de uma expectativa, gerada pelo conteúdo da primeira unidade discursiva ou pelo contexto:

(15) Perceberam que é um material bem simples, curto (é para a televisão), não pensado para DVDs e Blu-rays. Eles são sempre superficiais, pois a intenção é vender o filme e não entregar detalhes ou spoilers da obra, por exemplo. Ou seja, é um péssimo material para quem curte extras. Extras de verdade, claro. **Fora isso**, existe algo concreto que quase sempre entrega um EPK: no fim do spot, aparece a data de estreia do filme.<sup>26</sup>

(16) A questão é... fazer operações curtas, mudando de lugar, montando e desmontando o aparato a noite toda DÁ MUITO TRABALHO. E qual a motivação econômica das operações? Quero dizer, qual a meta? Inibir o consumo de álcool antes de dirigir? Ou apresentando números (que são conseguidos mesmo com a blitz estática) ao chefe na segunda-feira já é suficiente? **Fora isso**, concordo com o que foi postado<sup>27</sup>.

Identificamos 4 ocorrências a que atribuímos esse tipo de contraste (o que representa 10% dos dados). Nesses casos, o contraste não é marcado linguisticamente, mas situa-se na diferença entre os *topoi* acionados. Em (15), o enunciador tece, em D1, críticas ao EPK, sigla para *Electronic Press Kit*, que consiste em cortes de cenas de entrevistas, vídeos de bastidores e cenas de filme, exibidas em canais de TV a cabo. Apesar de considerar o EPK

---

26 Disponível em: <http://bjc.uol.com.br/2012/03/24/coluna-do-fonseca-no-somos-otrios/> - Acesso em 29 abr. 2023.

27 Disponível em: <http://www.arake.com.br/2011/05/09/o-leisecadf-nao-deveria-existir-sabe-por-que/> - Acesso em 30 abr. 2023.

um péssimo material, o enunciador relata um aspecto positivo em D2: ele apresenta a data de estreia do filme.

Paralelamente, em (16), temos uma opinião extraída de um site que tece críticas à Lei Seca. Basicamente, o enunciador do texto (cuja fonte está indicada na nota de rodapé da ocorrência) defende que a Lei Seca não deveria existir. Por sua vez, o enunciador do comentário, conforme lemos na ocorrência (16), discorda parcialmente daquilo que lê. Percebemos isso na D1, quando apresenta soluções possíveis para melhorar a eficiência da aplicação da referida lei. O contraste entre as ideias expressas nas unidades discursivas deste segundo enunciador só aparece em D2, quando ele diz haver concordâncias para com as demais opiniões registradas no *site*. Logo, nas duas ocorrências, o contraste se constrói a partir do jogo de ideias: *péssimo* e *bom*, em (15); *discordar* e *concordar*, em (16). Como parte dessas noções não se dá explicitamente, mas são inferidas no discurso, temos um contraste por contraexpectativa.

c) Contraste gerado por pressão metonímica, isto é, pela justaposição de *fora isso* a um OA contrastivo:

(17) O voo da Qatar chegou atrasado em GRU aproximadamente uma hora, o que obviamente fez com que a saída para Buenos Aires fosse também com atraso, **mas fora isso** tudo certo com o embarque.<sup>28</sup>

(18) Pra quem tava querendo um filma bom de vdd, e que desse medo, eu recomendo o filme Sobrenatural. Caguei de medo nesse filme. Tem uma parte no final que eh bem tosca, **mas fora isso** valeu a pena.<sup>29</sup>

Há, ao todo, 06 ocorrências em que *fora isso* é justaposto ao *mas* (15%). Interpretamos que, nesses casos, o *mas* assume a função típica de

---

28 Disponível em: <http://www.avioesemicas.com/o-que-ha-de-errado-com-as-empresas-aereas-nacionais.html> - Acesso em 23 abr. 2023.

29 Disponível em: <http://www.baixarfilmesdublados.net/baixar-filme-heranca-maldita-dualaudio/> - Acesso em 29 abr. 2023.

contraste e que o *fora isso* atua, principalmente, na focalização da informação subsequente. Sendo assim, tanto em (17) quanto em (18), o *mas*, por ser um OA cujo valor semântico de contraste está muito fixado na memória do falante, transfere, metonimicamente, esse valor a *fora isso*. Trata-se, logo, de um contraste mais marcado em relação aos usos em que o *mas* aparece sozinho<sup>30</sup>.

Por fim, cabe ressaltar os motivos pelos quais acreditamos que um dos tipos de contraste previstos por Mauri e Ramat (2012) não é produtivo para *fora isso*: uma vez que esse operador argumentativo sempre introduz um novo argumento no discurso, ele não propicia a noção de correção, o que implicaria a negação, anulação do argumento expresso em DI. Como ilustração, observemos a ocorrência (19), em que a substituição do *mas* por *fora isso* resulta em agramaticalidade:

(19) Ainda não entendi a diferença entre a escova marroquina e a inteligente. Fui ao salão, pedi uma escova inteligente e saí com a marroquina inoar. Ainda, o frasco usado não era o preto (embalagem usual da inoar), mas verde.<sup>31</sup>

(19\*) *Ainda, o frasco usado não era preto (embalagem usual da inoar), \*fora isso verde.*

## Conclusão

Neste artigo, buscamos descrever as funções assumidas pelo operador argumentativo *fora isso*, bem como seus contextos de uso. Para esse fim,

---

30 Conforme o princípio da marcação, duas estruturas com o mesmo valor funcional serão distintas entre si com base nos seguintes critérios: complexidade estrutural, distribuição de frequência, complexidade cognitiva. Paralelamente, segundo o subprincípio da quantidade, as formas mais complexas serão mais expressivas e, conseqüentemente, acarretam uma maior quantidade e complexidade da informação (cf. FURTADO DA CUNHA *et. al.*, 2015).

31 Disponível em: <http://007blog.net/diferenca-escova-marroquina-e-escova-progressiva/> - Acesso em 30 abr. 2023.

analisamos 100 ocorrências extraídas do *Corpus Web Dialectos*, do *Corpus do Português*, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, em diálogo com os estudos da Semântica Argumentativa, sobretudo as categorias relativas às noções de *operador argumentativo* e de *topos/topoi*.

Nossos resultados nos levaram às seguintes conclusões:

- a) o OA *fora isso* apresenta valor semântico de exceção e tem sido empregado no discurso para introduzir argumentos convergentes ou divergentes;
- b) o uso convergente é o mais produtivo e, paralelamente, deve ter sido à fonte do uso divergente. Isso se deve às maiores restrições funcionais previstas para o uso contrastivo em relação ao uso com valor de acréscimo;
- c) *fora isso* apresenta uma função retroativo-propulsora mais saliente que muitos OAs canônicos: essa característica decorre do fato de: (i) o pronome demonstrativo, na retroação, ser uma forma encapsuladora que sintaticamente torna o escopo remissivo mais saliente e marcado; (ii) a preposição acidental *fora*, também na retroação, tornar o argumento expresso na DI menos importante e; (iii), simultaneamente, na propulsão, focalizar a informação subsequente, que assume mais relevância na escala argumentativa;
- d) os usos contrastivos estão associados a três contextos de uso: (i) à noção de oposição simples; (ii) à presença de contraexpectativa; (iii) à pressão metonímica oriunda da justaposição de *fora isso* a um OA contrastivo, como o *mas*.

Por fim, dadas as especificidades desse operador argumentativo, acreditamos que sua descrição contribua para o avanço dos estudos da descrição do português, tanto em relação às suas semelhanças frente aos demais OAs de acréscimo e de contraste quanto em relação às suas particularidades, que se distinguem quanto aos efeitos de sentido dos demais operadores.

## Referências

ANSCOMBRE, J-C; DUCROT, O. **L'argumentation dans la langue**. Liège: Mardaga, 1983.

AZEVEDO, T. M. Gradualidade, uma constante na Semântica. In: BEHE *et al.* (Orgs.). **Curso de Semântica Argumentativa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 251-262.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAREL, M. A Semântica Argumentativa. In: BEHE *et al.* (Orgs.). **Curso de Semântica Argumentativa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 15-24.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. **The Grammar Network**. How Linguistic Structure is Shaped by Language Use. New York: Cambridge University Press, 2019.

DUCROT, O. **La prevue et led ire**. Paris: Maison Mame, 1973.

DUCROT, O. **Logique, structure, énonciation: Lectures sur le langage**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.

DUCROT, O; VOGT, C. De magis a mais: uma hipótese semântica. **Révue de Linguistique Romane**, V. 1, p. 317-340, julho-diciembre, 1979.

FURTADO DA CUNHA, M. A. *et al.* **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M.A. *et. al.* Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA; M. A; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística Funcional**. Teoria e Prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-47.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. esp., p. 83-110, 2016.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar, V.1.**, Theoretical Prerequisites. Standford, CA: Standford University Press, 1987.

LOPES, M. G; SILVA, S. J. Trajetória diacrônica do conector com isso no português. *Revista Linguística*, v. 19, n. 1, 2023.

MAURI, C; RAMAT, A. G. The development of adversative connectives in Italian: stages and factors at play. **Linguistics**, V.1, p. 1-36, 2012.

ROSÁRIO, I. C. (Org.). **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**. Teoria, Método e Aplicação. Niterói: EDUFF, 2022.

ROSÁRIO, I. C; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa – Revista de Linguística**, v. 60, p. 233-259, 2016.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix: 2012 [1916].

TANTUCCI, V. **Language and social minds**. The Semantics and Pragmatics of Intersubjectivity. New York: Cambridge University Press, 2021.

TRAUGOTT, E. C; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. New York: Oxford University Press, 2013.